

“ESPAÇO AUTOBIOGRÁFICO DE APRENDIZAGENS”: O LUGAR DAS MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS DE CINCO IDOSAS

Áurea da Silva Pereira ¹
Ieda Fátima da Silva ²
Tarcísio Carvalho da Cruz ³

RESUMO

Propõe-se neste trabalho discorrer como se deu a construção metodológica de “Espaço biográfico” do Grupo de Estudo de Envelhecimento realizado numa comunidade rural de Saquinho (BA), tendo como protagonistas cinco mulheres idosas que retornam aos bancos escolares. No decurso da pesquisa a criação dos Espaços biográficos consistia em conhecer as trajetórias de vida de cinco mulheres idosas a partir de objetos biográficos, como: artefatos pessoais, peças de roupas, brindes, livros, textos e outros. Realizamos seis encontros com temáticas. Como as mulheres da pesquisa não sabiam escrever, inserimos também nos espaços cinco pessoas escolarizadas que se tornaram escribas das narrativas construídas por cada mulher em cada encontro. Nas histórias contadas através dos objetos narrados e cenas narradas as idosas recordam seu o passado, revisitam e reatualizam suas memórias e registram suas identidades, demarcando lugares, espaços, sentimento de pertencimento e territorialidade. Os “Espaços biográficos” seguiam a uma dinâmica prospectiva constituída da intersecção de três dimensões da temporalidade (passado, presente e futuro), a fim de que o sujeito possa, ao só narrar sobre de si, deixando emergir seu projeto pessoal.

Palavras-chave: Espaços biográficos. Mulheres idosas. Memórias. Ruralidades.

INTRODUÇÃO

Intitulamos como “Espaço autobiográfico de aprendizagens” o lugar das memórias autobiográficas de cinco idosas da comunidade rural de Saquinho, município de Inahmbupe, BA. No percurso da investigação da pesquisa, usamos na última etapa da pesquisa - uma técnica metodológica que permitiu a cada mulher narrar-se a partir de objetos biográficos. No espaço biográfico as mulheres puderam compartilhar as experiências de vida incrustadas nos objetos biográficos que guardavam em suas casas como lembranças e memórias de suas trajetórias de vida. As mulheres idosas protagonistas da pesquisa foram: D. Felicidade, D.

¹ Doutora em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC-UNEB), Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (POS-Crítica_UNEB). E-mails: aureauneb@gmail.com/ aspsantos@uneb.br

² Mestre em Família na Sociedade Contemporânea (Programa em Família na Sociedade Contemporânea –UCSAL). E-mail: iedamacy@gmail.com

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, tcarvalhoc@gmail.com

Vitória, D. Celestina, D. Lili e Mariinha. Estas mulheres permitiram (auto)narrar-se usando seus objetos biográficos apresentados por elas em cada encontro de acordo com a temática sugerida pela pesquisadora. Foram organizados seis encontros; e para cada encontro foi trabalhada uma temática que permitisse a cada mulher idosa revisitar suas memórias, atualizando-as. Nesses encontros, as mulheres rememoravam seus tempos vividos através de imagens, escritos e objetos biográficos, trazendo à tona experiências marcantes e significativas.

Os espaços autobiográficos obedeceram a uma dinâmica prospectiva constituída da intersecção de três dimensões da temporalidade (passado, presente e futuro), a fim de que cada idosa, protagonista da pesquisa, pudesse não só narrar sobre de si, mas também deixar emergir seu projeto pessoal (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Admitindo que o espaço autobiográfico corporifica “essa dinâmica intencional, reconstruindo uma história projetiva” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 100) de si, pretende-se apresentar neste texto as contribuições do grupo de idosas, permitindo-nos a observar e analisar como cada idosa revisita suas memórias e reconstrói suas histórias, atualizando-as e ampliando-os para novos projetos.

METODOLOGIA

Apoiadas nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa (BAUER; GASKELL, 2008; ANDRÉ, 1995; MINAYO, 2008; LÜDKE; ANDRÉ, 1986) e no método biográfico (FERRAROTI, 2010). Os “espaços biográficos” foram organizados com o objetivo de conhecer a construção histórica, social, cultural das mulheres protagonistas da pesquisa, pois percebíamos que ao falar de si e dos gostos pessoais e das fases vividas, elas se posicionavam muito pouco. Nos espaços biográficos, elas se revelaram narrando-se através dos objetos biográficos que tinham guardados em suas casas. Para que a técnica metodológica alcançasse o objetivo pretendido por nós, organizamos, coordenamos e coletamos o material da pesquisa com a colaboração de cinco coadjuvantes, que foram: duas estudantes de letras, bolsistas de Iniciação Científica (PICIN-UNEB, 2011-2012) uma professora pesquisadora, mestre em educação e duas alfabetizadoras do TOPA - Programa de Alfabetização para todos. As coadjuvantes tiveram a função de escrever as narrativas, visto que as idosas não tinham domínio da escrita.

Para organizar as temáticas dos encontros, buscamos como referência as experiências de Delory-Momberger com ateliês (auto)biográficos (2008) e Brandão (2008, p.84) em suas pesquisas através de oficinas em espaços de convivência com idosos/idosas.

Para a escrita das narrativas (auto)biográficas, tomamos como base o texto de Amaral, Cabral e Brandão (2012). Neste artigo, as autoras relatam a experiência de uma oficina autobiográfica realizada no Projeto Oficina Memória Viva, reunindo, nas atividades, alguns protagonistas sem domínio da escrita, que foram mediados pelo “mediador-escriba”, que é aquele que vai escrever as narrativas orais compartilhadas nos encontros. No primeiro momento da pesquisa, foram dadas instruções de segurança visando responsabilizar cada uma das colaboradoras pelo uso a ser feito da fala e das narrativas, acentuando o grau de engajamento de cada uma. Trata-se uma de uma fala social, conscientizada na relação com o outro (DELORY-MOBERGER (2008). Portanto, há uma regra de discrição e de reserva sobre tudo aquilo narrado no âmbito desse espaço.

Coube a nós, pesquisadoras, a definição de eixos temáticos para cada encontro do espaço autobiográfico, orientando a construção da narrativa autobiográfica. Para o primeiro encontro, por exemplo, cada idosa foi recomendada a trazer uma imagem, foto, uma lembrança que rememorasse a infância, as brincadeiras, a experiência familiar, as referências escolares etc., para promover a socialização do grupo. As ideias da operacionalização dos “espaços biográficos” foram surgindo aos poucos e são aqui apresentadas em registros feitos no diário etnográfico para discussão, visando formular uma reflexão mais aprofundada em diálogo com colegas pesquisadores antes de serem colocadas na prática em outra pesquisa.

Dando continuidade ao trabalho, apresentamos a temática do primeiro encontro que foi denominada “Minha infância”. Neste encontro, as idosas desenharam imagens, incluindo objetos diversos que tinham representação significativa da infância. Enquanto desenhavam, elas explicavam e narravam, trazendo para o papel em branco as memórias representadas em objetos, alguns traçados em cores vivas. Enquanto desenhavam e elas contavam histórias, cenas da infância transpostas através de desenhos. Ao concluir o desenho, as coadjuvantes finalizaram a escrita das narrativas das idosas. Retornamos para o grupo e pedi que cada dupla apresentasse a produção. Cada idosa apresentava seu desenho fazendo a relação com as lembranças e imagens do passado e, logo em seguida, a coadjuvante lia a narrativa escrita sobre as cenas e objetos desenhados; além disso, das narrativas que ouviam das colegas dos

grupos, elas iam lembrando-se de outras cenas vividas em outros tempos vividos, e se posicionavam incluindo experiências do tempo de infância, e logo em seguida pediam para narrar um fato lembrado, um episódio interessante.

Para o segundo encontro, apresentamos a temática “Juventude, namoro, casamento e família”. Cada idosa trouxe para o espaço um objeto biográfico guardado há anos porque tinha uma simbologia e possivelmente as fazia lembrar da juventude, namoro e casamento. No espaço biográfico, cada idosa rememorou cenas enquadrando a aquisição do objeto, bem como as memórias individuais e coletivas imbricadas nas experiências evocadas pelo objeto. Os objetos biográficos são coisas guardadas pelos sujeitos. Segundo Bosi (2003, p.26) “Só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade”.

Cada idosa narrou à escolha do objeto trazendo para aquele espaço as memórias escritas. D. Vitória, por exemplo, desenhou e também trouxe para a cena uma rosa, observando que D. Felicidade tinha uma rosa igual a sua. D. Vitória pediu o desenho emprestado por alguns minutos porque queria narrar o objeto biográfico que lembrava sua família, especificamente, sua mãe. Percebíamos que os desenhos e os objetos rememoravam cenas de casamento, família e juventude, como a toalha de banho, os pratos de barro, o jarro e o pires. Por exemplo: D. Felicidade apresentou um pires, que guarda desde o nascimento do primeiro filho, rememorando que todos os filhos tinham se alimentado naquele pires. Ela não se desfaz do objeto porque, porque aquele objeto tem valor importante em sua vida, representando as cenas vividas pelos seus dois filhos quando ainda eram crianças. D. Lili trouxe para o grupo uma xícara com mais de 20 anos e narrou que a xícara lembrava seus filhos. D. Celestinha trouxe um jarro que comprou na cidade de Innhambupe (BA) quando ainda era adolescente para brincar. O jarro tem mais de 50 anos. Ela guarda o objeto com sete chaves, porque lembra sua juventude e as rezas que sua mãe fazia em casa. No final de cada apresentação das narrativas dos objetos e desenhos, as coadjuvantes liam as narrativas contadas sobre os objetos e desenhos. Percebíamos a importância dos objetos biográficos na vida daquelas idosas. Os objetos biográficos e os desenhos desses objetos representam vidas, lembranças, memórias e projeções de vida para o futuro.

No terceiro encontro, apresentamos a temática “Lembranças dos tempos vividos”. Ali foi traçada a linha do tempo. Nessa atividade, cada idosa narrou fases importantes e trouxe para o grupo as memórias das experiências vividas nesse tempo, atribuindo outros

significados com o grupo; além disso, as colaboradoras também trouxeram peças de roupa que tinha um significado importante para suas vidas.

Para esse encontro, havíamos combinado que as mulheres deveriam trazer uma peça de roupa que lembrasse um momento de suas vidas. Então, algumas já estavam vestidas na roupa. Isso foi muito interessante. Um exemplo disso foi D. Celestina que estava numa blusa verde, toda brilhante e dourada. Então, perguntamos pela peça. Ela disse: - Olha aqui, já estou vestida. D. Mariinha e D. Lili também vieram vestidas nas peças de roupa que guardavam há anos.

Resolvemos iniciar uma conversa contando fatos importantes da vida de cada uma. Nomeamos essa atividade de linha do tempo. Então, usamos uma técnica bem simples: vários papéis com números até a idade maior do grupo, dobrados e colocados numa caixa surpresa. Fizemos três rodadas de conversas narrativas para cada número, sorteado por cada idosa e por mim, também incluída na pesquisa. Solicitamos às três coadjuvantes que apenas registrassem por escrito as narrativas de cada uma. Existem, dentro da história cronológica, muitas histórias densas de substância memorativa no fluxo do tempo. E estas aparecem com clareza nas narrativas, pois tal como nas paisagens, há marcos no espaço no qual os valores se adensam. Nas narrativas, pudemos perceber que a nossa inclusão para contar fatos experienciados em cada tempo foi importante, porque as idosas ganharam mais confiança por sentirem que havia cumplicidade entre o grupo e pesquisadoras. As memórias narrativas se encontravam e desencontravam, mas o que ouvia entre elas, eram frases, sentenças e textos que diziam assim: “Minha história é parecida com a dela”; “Minha história tem um pouco do que ela contou”; ou “Tudo que ela está contando parece muito comigo”. As memórias cronológicas marcantes conforme as idades narradas seguiram uma ordem cronológica de um período de 10 anos. Por exemplo, dos 20 aos 30 anos ou dos 25 aos 35 anos, entre a infância e a adolescência, juventude e ‘adultice’ ou a entrada da velhice. As idosas foram se narrando conforme os acontecimentos vividos nas idades cronológicas, contando episódios rememorando cenas do passado e, com isso, atualizando o presente.

Após o término das rodadas de conversas, iniciamos as narrativas das peças de roupas que representavam um fato do passado. Cada uma narra a história daquela peça de roupa que trouxe para apresentar. D. Felicidade apresenta conjunto de saia e blusa usado no dia das Bodas de Ouro e do casamento na igreja e narra episódios. D. Mariinha veio com um vestido que gostava de usar porque se sentia mais livre, narra as experiências vividas com o vestido.

D. Lili apresentou-se vestida numa saia que já tinha há 18 anos; além disso, ela explicou que gostava daquela saia porque ficava, conforme sua narrativa “ajeitada no seu corpo”. D. Vitória trouxe uma saia que ganhou de presente do filho. Ela contou que foi presente de um filho que mora em São Paulo e que gostava muito da saia porque ficava solta no corpo. D. Celestina apresentou sua blusa contando-nos que fora usada no dia do casamento de uma sobrinha e ela guardou com muito carinho todos esses anos porque traz muitas recordações.

Os objetos por si oportunizam aos sujeitos a atualização e revisitação das memórias experienciadas em outros tempos. Cada idosa rememorou os momentos marcantes vividos a partir daqueles objetos. “Existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. o espaço onde valores se adensam” (BOSI, 2003, p.24).

No quarto encontro intitulamos de “Meus documentos escritos e minhas aprendizagens” e dividimos em dois momentos: no primeiro momento, elas apresentavam objetos biográficos escritos, como livros, revistas, documentos, cartilhas, receitas, bilhetes; e no segundo momento, solicitamos que as idosas contassem sobre suas aprendizagens e saberes que as empoderavam. Orientado como seriam as atividades, pedimos que elas apresentassem individualmente o que tinham trazido de casa e expressassem a importância e significado daqueles materiais escritos em suas vidas. Elas trouxeram os materiais escritos, como: livros, revistas, bulas de remédios e cartas. Elas contaram as histórias, mencionando o significado de cada objeto em suas vidas. Ficamos observando as narrativas das mulheres para as coadjuvantes sobre sonhos, escrituras e materiais impressos guardados por elas, desde a certidão de nascimento, conta de luz, cartão de banco, identidade, certidão de casamento, livros, revistas dentre outros.

Acreditávamos e por vezes foi dito pelas idosas, que elas queriam aprender a ler e a escrever para tornarem-se independentes, entretanto no segundo momento desse encontro, percebemos em suas narrativas que elas queriam aprender a ler para se sentirem fortalecidas, independentes. Mas, por outro lado, elas sentiam-se empoderadas com os seus saberes e com o que elas possuíam. Para esse encontro, cada idosa apresentou um objeto biográfico que representasse conhecimento, letramento, longevidade e poder, o qual seja significativo da sua vida na comunidade na condição de mulher idosa. No final da atividade, as coadjuvantes leram as narrativas produzidas pelas idosas; e, após a leitura, cada idosa comentou sobre o que ouviu na narrativa da outra e o que sentiu no ato de contar sobre si, observando aquilo

que empodera cada uma delas. Para nossa surpresa, o empoderamento dessas mulheres se constituía nas rezas, na lavoura, nos conselhos que davam as amigas, na alimentação e na costura.

No quinto encontro, apresentamos a temática “Imagens de mim”. Para esse encontro, cada uma das colaboradoras deveria levar um objeto biográfico representando a idade atual. Esse objeto podia ser uma peça de roupa, maquiagem ou qualquer artefato considerado importante e/ou significativo para a narrativa. As mulheres trouxeram objetos de uso pessoal, como batom, pratos, roupas. Mas o que chamou a atenção foram os gostos e as aprendizagens: D. Lili gosta de esmalte e perfume e sente-se poderosa quando é convidada para dar conselhos e rezar. D. Felicidade apresentou roupas que a deixam jovem, mas gosta mesmo é de cozinhar para os filhos e presentear os vizinhos com os produtos de agricultura da sua roça. D. Celestina se sente bem com a independência financeira que tem e com a criação de porcos que gerencia. D. Vitória conta para nós que gosta de ajudar as pessoas através das rezas e apresenta um lenço que usa na cabeça sempre que precisa sair de casa e um prato que representa sua vida doméstica. D. Mariinha se sente poderosa quando se lembra de sua trajetória de vida e como criou os filhos, sozinha, trabalhando na roça dos outros. Percebemos que apesar de aparecerem peças femininas que as deixam joviais, entretanto as práticas culturais da família são fortes em suas trajetórias, porque isso se constitui como base de vida familiar. O eu feminino é representado nas peças de roupas, nos perfumes, alimentação e utensílios domésticos.

No sexto e último encontro, cada idosa dita uma carta, contando as aprendizagens na pesquisa e como se sentiram. A carta se constituiu também como instrumento de pesquisa, à medida que usei como técnica de coleta de dados. Neste caso, cada idosa, oralmente, ditou o texto da carta e as coadjuvantes fizeram os registros. As idosas demonstraram conhecimento sobre o formato da carta enquanto gênero textual. Após a escrita da carta, as leituras foram compartilhadas. Cada uma pôde também ouvir a própria história de vida e as das demais.

OBJETOS BIOGRÁFICOS “FALAM”, “NARRAM”: A INSCRIÇÃO DE SI NOS OBJETOS QUE GUARDAM LEMBRANÇAS E HISTÓRIAS DO PASSADO

Diante da quantidade e da riqueza do material coletado, optamos em apresentar neste texto excertos textuais das cinco mulheres, protagonistas da pesquisa, o reconhecimento que elas

têm si reconhecimento narrado por meio dos objetos biográficos, tais como: peças de roupas e peças decorativas. Através dos objetos, rememora-se o passado, deixando que as peças “narrem” implicitamente as temporalidades de vida de cada uma. As mulheres idosas dão voz aos objetos biográficos prediletos e mostram como estes continuam vivos no cotidiano, conforme podemos observar nos seguintes excertos textuais, as imagens que guardam de si através das peças de roupas.

Com esse conjunto de saia e blusa rosa, eu me sinto jovem, mais bonita. Essa roupa(rosa) foi para meus 50 anos de casamento. Me sinto à vontade. Naquele dia eu me sentia como se tivesse meus 15 anos. Essa roupa aqui também eu gosto muito(uma roupa laranja de seda) ela tem 16 anos foi do casamento da minha filha tem roupa que a gente se sente mais arrumada , mais mulher, mais bonita.(**D. Felicidade**).

Essa blusa eu comprei para ir para o casamento de uma moça chamada Helena, eu vesti ela com uma saia branca. Ela ficou muito bonita em mim. Ela já tem 15 anos que uso, gosto dela porque é leve fresca, sensual. (**D. Celestina**).

Esta saia tem 18 anos. Eu gosto dessa roupa porque gosto de roupa de bolso. E eu gosto dela porque ela fica bem feitinha no meu corpo, já mandei fazer outra dessa. Comprei esse pano em Inhambupe e uma amiga minha costurou. A primeira vez que vesti foi numa missa. Ela já ta bem velhinha, mas eu gosto muito dela. É uma saia colorida bem leve. Se tiver outra reunião eu venho com essa saia novamente... [risos]. (**D. Lili**).

Tenho muito carinho, por essa saia, pois veio de São Paulo. Veio como um presente de meu filho e um bilhete dele me pedindo desculpas pela simplicidade do presente[...] vesti a primeira vez para ir para N.Sr das Candeias. Quanto mais eu andava com ela mais eu adorava o balanço dela e me sentia bonita. A blusa dela é verde de crochê. (**D. Vitória**).

Ah! Com esse vestido colorido me sinto mais bonita, mais alegre mais mulher ele me deixa à vontade. Gosto por demais de usar esse vestido que trouxe, porque me sinto mulher mais jovem. (**D. Mariinha**).

As mulheres idosas se inscrevem no presente para apresentar cenas narrativas do passado, através de objetos biográficos, trazendo à baila memórias que dão sentido às suas vidas. As peças de roupas pessoais se constituem como lembranças de um período marcante, representando jovialidade, longevidade, sensualidade e erotismo. Percebe-se, nos trechos, a existência de um reconhecimento de si em relação à feminilidade. D. Felicidade deseja e se sente como quando tinha 15 anos. Bosi (2003, p.6) coloca: “O objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade”. As peças continuam guardadas e sendo utilizadas porque dão significados ao

presente com o passado vivido. Ainda segundo Bosi (2003, p. 11): “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo”.

No corpo perdura o que não envelhece: a alma infantil e jovial. Ou seja, o que não envelhece e não se altera com a passagem do tempo e que nos acompanha durante toda vida e não morre (MUCIDA, 2009). As mulheres guardam as imagens que têm de si, internamente. O corpo envelhecido fica invisível, é como se estivesse ausente da vida, por isso elas falam das roupas que embelezam o corpo. As roupas embelezam o corpo e escondem as marcas do tempo.

Rabinovich (2012, p. 25) assevera: “O corpo é nosso meio de ter um mundo, e quando adquire um hábito, deixou-se penetrar por uma significação nova. Ele é um espaço expressivo e origem de todos os outros, o próprio movimento de expressão”. O corpo é construído social e historicamente. Através dele, dizemos quem somos. Mucida (2009, p.72) acentua: “O corpo pode ser pensado como uma espécie de laço feito de três fitas: uma delas serve de suporte às outras, e nenhuma existe sem a presença da outra”.

Assim, as roupas que vestem os corpos das mulheres em estudo trazem a jovialidade, a saudade da juventude, no tempo da velhice. Envelhecer de bem com o corpo pode ser uma tática para viver bem. As coisas modeladas durante anos resistiram com sua alteridade e tomaram algo do que se foi. Se a juventude aparece como contraste à velhice, é dessa imagem que as mulheres velhas e homens velhos precisam, mais especificamente da vitalidade da juventude. Barros (2011, p.52) pontua: “A sexualidade aparece, dessa forma aparece, como um ponto-chave na construção da imagem deteriorada da velhice”.

Convém observar como a sexualidade e o erotismo “falam” através dos objetos biográficos, nas sentenças retiradas dos excertos apresentados anteriormente: “Ela ficou muito bonita em mim”; “Já tem 15 anos que uso, gosto dela porque é leve fresca, sensual”; “Quanto mais eu andava com ela mais eu adorava o balanço dela e me sentia bonita”; “Ah, com esse vestido colorido me sinto mais bonita, mais alegre mais mulher ele me deixa à vontade”; e “Eu gosto dela porque ela fica bem feitinha no meu corpo, já mandei fazer outra dessa”. Desse modo, como acentua Delory-Momberg (2012, p. 525) “o objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência”.

As mulheres falam dos objetos sem fazer referência ao corpo, se referindo às roupas como peças importantes para enfeitar o corpo, demarcando formas, longevidade, juventude e a feminilidade. Se na adolescência e juventude as mulheres se relacionavam bem com o corpo, essa imagem é guardada e conservada na memória do corpo.

Cada mulher se pinta como quer ser observada, as roupas apenas demonstram os modos criados para ocultar o corpo que envelhece, mas o desejo de viver bem o envelhecimento é mais significativo. Assim, elas vão aprendendo gradualmente a lidar com as manifestações do corpo e da alma e sua materialidade em afetos e sentimentos antagônicos entre dor e prazer, entre Tánatos e Eros, nem vai e vem que fragiliza, mas cristaliza e petrifica o corpo” (SILVA, 2012, p.205).

A memória é guardiã do passado. O envelhecimento reserva para cada pessoa um tempo destinado a balanços da vida, porque se vive correndo, sem parar para pensar sobre quem se é e o que se faz e repentinamente envelhecemos. As memórias autobiográficas das idosas trazem aprendizagens acumuladas nos percursos de suas vidas e daquilo feito delas, de como se tornaram as mulheres em fase de envelhecimento, com mente jovial e um projeto de vida para o futuro.

Cada sociedade e/ou grupo social destina e impõe ao velho e a velha um lugar ou papel social. Para Beauvoir (1990, p.20) “cada sociedade cria seus próprios valores: é no contexto social que palavra “declínio” pode adquirir um sentido preciso”. Na concepção dessa autora, a velhice não é tão somente um fato biológico, mas também um fato cultural que merece estudo, pesquisa e intervenção social e política.

As narrativas das experiências contadas pelas mulheres fundamentam a vida e mostram como as mulheres velhas (re)atualizam memórias através dos objetos biográficos, mostrando como a longevidade, jovialidade, família e erotismo estão presentes em suas trajetórias, nos seus corpos e memória. Ao se reconhecer nos objetos, elas narram experiências, contando sobre si e narrando-se no tempo presente.

Somos linguagem e nossa vida é organizada por signos que anunciam identidades sociais, linguísticas e culturais. Assim, desde o nascimento se recebe nome, adereços, objetos, roupas, perfumes que aos poucos vão se constituindo em memórias narrativas, porque contam e falam de nós. Os objetos de cada pessoa, bem como as roupas, batons, adereços comprados em viagens ou presenteados por amigos e familiares criam ao redor de cada sujeito marcas

identitárias que definem gostos, desejos e estilos de vida, como também anunciam *habitus* e performances(BOURDIEU, 2005)

Os objetos biográficos estão impregnados de lembranças e episódios. Estes, quando rememorados, atualizam o presente e ressignificam o passado. Assim, ao apresentar os objetos pessoais guardados em suas residências, as mulheres descrevem e narram situações, revivendo-o.

Esse vaso foi comprado na feira de Alagoinhas a mais de quarenta anos. Vendemos o fumo e o bachero e fomos para Alagoinhas e compramos panos para fazer vestidos com minha irmã Maria. Aí, eu vi o vaso e achei bonito para brincar com a boneca. Quando eu cheguei em casa de minha mãe, ela disse que era um jarro e tomou. Quando era dia reza e novena, enchiam o jarro de flores. Quando eu casei eu peguei meu jarro e quando tinha missa na igreja pegava meu jarro e enchia de flores. Então, quando compraram os jarros da Igreja, eu peguei o meu jarro e levei de volta para casa. (**D. Celestina**).

Quando fazia papa para os filhos, com um mês, colocava no pires para eles comerem porque não tinha mamadeira. Fazia no papeiro, caçarola, colocava no pires e dava com o dedo. Apesar deles não quererem comer. Tinha muito leite que dava para alimentar, e não tinha o conhecimento e então eu dava o que comer. Esse pires é importante para mim porque alimentei todos os meus filhos com ele. (**D. Felicidade**)

Tenho minhas coisas todas arrumadinhas. Achei essa caneca bonita e comprei, deixei dentro de casa por boniteza para todos nós. Ela tem mais de vinte anos e lembra meus filhos. (**D. Lili**).

Essa blusa eu gosto muito porque foi uma patroa que me deu quando fui trabalhar na casa dela. O nome dela era Nanci. Outro objeto que guardo até hoje é um prato de barro que D. Germana, a bisavó de Dilma me deu. Isso já tem mais de 20 anos. Tive seis filhos e todos estão em casa e foi D. Catarina quem pegou. A única coisa que tenho de quando meu filho mais novo nasceu é um prato inox que uma patroa me deu. Meu filho mais novo já está com 23 anos. Hoje, eu guardo o prato de lembrança e não dou para ninguém. (**D. Mariinha**).

Esta porcelana lembra a minha mãe, quem me dera se eu ainda tivesse mãe para receber a bênção todas as manhãs. Quando a gente é jovem leva a vida achando tudo uma graça. Lembrança em forma de coração. Esta porcelana de barro eu comprei e guardo comigo até hoje porque ela lembra a minha infância. Eu brincava com ela colocando a flor de licurizeiro dizendo que era arroz. Eu tenho muita lembrança de uma cestinha, onde eu colocava as agulhas e para fazer as roupinhas da boneca, hoje eu não tenho mais, mas eu guardo na lembrança. Eu me lembro de um aribé de barro onde a minha avó fazia feijão farofado. Nós éramos quatro irmãos e todos juntos comiam ali naquele aribé, então a minha avó colocava quatro pedacinhos de carne, cada um pegava o seu pedacinho de carne e segurava na mão e a gente ali ia comendo até terminar toda a comida. Então, este prato lembra o tempo em que nós vivíamos unidos comendo junto no mesmo prato. Essa toalha eu comprei para meu casamento para usar depois do banho, eu e o meu esposo,

então Gilberto de Jesus dos Santos e até hoje eu tenho ela porque eu gostei muito dela e guardo como lembrança do meu casamento. **(D. Vitória).**

Os objetos apresentados e narrados por essas mulheres trazem à tona cenas e lembranças vividas. Tais objetos guardam lembranças, fatos, cenas do passado sempre atualizadas pela presença destes que ganham notoriedade e lugar de privilégio nas residências e na vida privada de cada um, pois alguns deles arquivam segredos da infância, juventude, namoro, casamento, trabalho, por exemplo. Bosi (2003, p.25) acena:

Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a disposição tácita, mas eloquente. Mas que uma sensação estética ou de identidade ou de utilidade eles nos dão assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiverem sempre conosco falam a nossa alma em sua língua natal. O arranjo da sala, cujas cadeiras preparam o círculo das conversas amigas, como a cama prepara o descanso e a mesa de cabeceira os derradeiros instantes do dia, o ritual antes do sono.

Nos objetos narrados encontram-se confissões implícitas, memórias, demarcação de identidades, o passado no presente e a vida que flui. Os objetos biográficos levam as pessoas a atingir o ápice da vida, pois reencontram o conforto e sentido da vida por meio da memória ‘presentificada’ no objeto. O espaço biográfico se constitui em lugar comum de inteligência das narrativas diversas, que, sem perda das diversidades, é capaz de dar conta dos deslocamentos, semelhanças, mutações e outras formas de significados. (ARFUC, 2010). A reflexão autobiográfica ou biográfica realizada por cada um no ato de narrar o objeto ganha outra dimensão para além do momento vivido, pois as idosas aproveitaram o momento para fazer um balanço do vivido e, como postula Bosi (2003, p.26): “A ordem desse espaço nos une e nos separa da sociedade e é um elo familiar com o passado”.

Para Arfuc (2010, p.38) “o vivido é sempre vivido por nós mesmos e faz parte de seu significado que pertença à unidade de ‘nós mesmos’.” Os objetos biográficos vividos por cada mulher traduzem as experiências de vida em aprendizagens, pois quando elas narram, contam as aprendizagens obtidas com aquela experiência. E quem compartilha daquele espaço biográfico, às vezes, toma para si a narrativa do outro e reflete a experiência vivida. Enquanto se narram experiências, se aprende mais sobre nós mesmos, a partir da reflexão dos erros e acertos.

Cada objeto representa uma experiência vivida cruzada com outras, complexas ou não, pois o sentido é dado pela aprendizagem que cada um tem sobre o outro. Assim, explica Josso (2004, p.106): “A ligação entre atenção consciente e a busca ao sentido passa por uma prática de meditação que permite ao sentido emergir do silêncio do ego desta forma despojado das suas características psicoculturais”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os procedimentos desenvolvidos para as narrativas autobiográficas produzidas pelo grupo de mulheres idosas fizeram, como demonstrado, emergir a construção social e cultural dos processos formativos dessas mulheres rurais. Assim, alerta Delory-Momberger (2008, p.103) “o dispositivo adotado inscreve-se, portanto, numa perspectiva estritamente formativa”.

As narrativas produzidas pelas mulheres em cada encontro intencionaram a cada uma a memória individual e coletiva a partir de vivências individuais experienciadas pela família no grupo social. Trata-se, então, da reconstituição do tempo, da evocação do passado, refletido no tempo presente. Essa articulação entre os eixos temporais é explicada por Souza (2006, p. 102), ao dizer que:

A arte de lembrar remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais articulam-se com as lembranças e as possibilidades de narrar as experiências. O tempo é memória, o tempo instala-se nas vivências circunscritas em momentos; o tempo é situar-se no passado e no presente.

Não apenas narramos, como nos reinventamos em nosso fazer, em nossas memórias, reflexões e aprendizagens e nos encontramos nas histórias biografadas. Nossos saberes se entrecruzam com outros saberes e rememoramos nossas aprendizagens construídas nos caminhos e descaminhos das experiências vividas. Para Delory-Momberger (2008, p. 57): “A autobiografia fornece um modelo tangível do modo como nossa consciência trabalha o material da vida, díspar, heterogêneo, fragmentado, para constituir-lo em um conjunto dotado de unidade e coerência”. A história de vida de cada sujeito já fala por si, sem precisar da intervenção, do dizer do outro; ou seja, é a "narrativa que faz de nós o próprio personagem de

nossa vida; ela, enfim, é que dá história a nossa vida”(DELORY-MOMBERGER, 2008, p.37).

As histórias de vida narradas se edificam quando trazem à tona lembranças, episódios e cenas guardadas, mas rememoradas no tempo presente. O ato de lembrar nem sempre está relacionado ao ato de reviver, mas é preciso relembrar para repensar, reconstruir, reconfigurar em comunhão com as imagens e ideias de hoje, ressignificando experiências do passado. Para Bosi (1994), a memória não é sonho, é trabalho. Sendo assim, a lembrança é como uma imagem construída a partir do oferecido do que foi realizado no passado e refletido no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de contar narrativas e de ouvir as narrativas das companheiras participantes do grupo permitiu uma autorreflexão das experiências, saberes e memórias compartilhadas nos “espaços autobiográficos”. As narrativas impelem à realização de um “balanço” do que foi feito da vida no passado, o que se faz atualmente e o que se pretende fazer no futuro.

Os objetos biográficos das idosas representam para cada uma, a vida, seu passado ressignificado no presente. Envelhecemos e aprendemos mais sobre nós mesmos num pertencimento do vivido, sem interrupção. Esse movimento permitiu reconhecer aquilo que se tornou a ser, pois como pondera Bosi (2003, p.27): “As coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos”. Desse modo, as memórias reacendidas através dos objetos biográficos dão novos sentido à existência e permitem a autorreflexão de si e de sua construção histórica revisitada pelos objetos que narram de forma silenciosa à demarcação naquelas vidas. As aprendizagens reportadas nas narrativas demonstram os ensinamentos apreendidos em suas trajetórias de vida. Cada idosa apresenta saberes assimilado, os quais dão sentido à vida. As memórias revividas nos espaços autobiográficos trazem à tona os sentidos das aprendizagens e reflexões.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita; CABRAL, Patrícia; BRANDÃO, V. T. Escritas de si...Em nossas mãos. REVISTA PORTAL de Divulgação, n.19, Mar. 2012 - <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>: Acesso em 21 de abril de 2013.

ANDRÉ, Marli D.A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ARFUC, Leonor. *O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.) *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 45-64.

BAUER, Martin W e GASKELL, George.(Orgs.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Trad.Pedrinho A. Guareschi. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta. *Labirintos da memória: Quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER,Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Trad. de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passegi. Natal,RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens epistemológicas na pesquisa biográfica. In: *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, Rio de Janeiro. V.17 n. 51, set-dezembro. 2012.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (.Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MUCIDA, Ângela. *Escrita de uma memória que não se apaga: Envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias. Introdução. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias. (Orgs.). *O método (auto)biográfico e formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. A casa, o corpo e sua poética. In: RABINOVICH, Elaine Pedreira *et al.* (Orgs.). *Poética do corpo*. Salvador, BA: Universidade Católica de Salvador, 2012.

SILVA, Ieda Fátima da. O corpo tecendo a fusão espaço-tempo. In: RABINOVICH, Elaine P. *et al.* (Orgs.) *Poética do corpo*. Salvador, BA: Universidade Católica de Salvador, 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Memória educativa: narrativas de formação –recortes de um eu em crescimento e partilha. In: *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.